

PASTORAL JUVENIL SALESIANA E FAMÍLIA HERANÇA E LINHAS DE FUTURO



FABIO ATTARD, SDB. CONSELHEIRO GERAL PARA A PJ DOS SDB

1. INTRODUÇÃO

- 1.1. Identidade
- 1.2. Carisma
- 1.3. Comunidade
- 1.4. Proposta

2. O CAMINHO PASTORAL DA IGREJA E DA FAMÍLIA

- 2.1. *Gaudium et Spes*
- 2.2. Caminho Sinodal

3. VALDOCCO – FAMÍLIA COMO PARADIGMA PASTORAL

4. PARTINDO DA *EVANGELII GAUDIUM*

- 4.1. A história como desafio
- 4.2. Uma resposta pastoral

5. *AMORIS LAETITIA*

5.1. Posturas pastorais

5.2. Critérios pastorais

- A fecundidade do amor que gera
- Responder à ausência de paternidade e maternidade
- A família é sujeito pastoral
- A gradualidade pastoral

5.2. Escolhas operativas

- Comunidade
- Projeto
- Acompanhamento: de ambiente, de grupo, pessoal

6. CONCLUSÃO

1. INTRODUÇÃO

O tema que me foi confiado- *Pastoral Juvenil Salesiana e Família*- constitui para nós, membros da Família Salesiana, um forte chamado; que se apresenta sobretudo como um belo desafio e uma grande oportunidade nesse momento da história. É um tema que precisa ser confrontado com uma mentalidade pastoral muito precisa, animada pela dimensão profética fundamentada na fé em Cristo, uma mentalidade pastoral plena de esperança e impulsionada pela caridade. Somos conscientes, ou ao menos deveríamos sê-lo, que podemos tornar-nos vítimas da mentalidade das lamentações, que terminam mais por condenar a escuridão do que por empenharmos em acender alguma fagulha. Os nossos tempos são tempos de uma missionariedade alegre e otimista.

Enquanto Família Salesiana, inserida na experiência eclesial, fazemos nosso o convite do Papa em advertir “a necessidade de dizer uma palavra de verdade e de esperança. (Acreditamos que) os grandes valores do matrimônio e da família correspondem à busca que atravessa a existência humana” (*Amoris Laetitia* n. 57). Estamos convencidos que hoje mais do que nunca, temos uma palavra a compartilhar, um projeto a propor, uma experiência pastoral a oferecer como Família Salesiana. Nessa perspectiva se explica a segunda parte do título: herança e linhas de futuro.

Por isso, inicio a partir de uma interrogação simples: de onde partimos como membros da Família Salesiana? O que carregamos na mochila da nossa história?

Seguramente não partimos do zero. Temos uma história, portanto, somos herdeiros de um caminho: Somos protagonistas de uma experiência pastoral que hoje pode ser encontrada dispersa em todo o mundo com suas várias presenças, com variadas propostas, servindo os jovens, especialmente os mais pobres. Reconhecemos também que nesses anos temos realizado uma reflexão pastoral muito rica e a compartilhamos continuamente com toda a Igreja.

Por isso, elencamos de maneira muito sintética **alguns pontos que condensam o quadro da nossa herança e da nossa proposta**, para que ao partir do nosso passado, com as suas ricas dimensões

(humana, cristã, carismática) nos sentimos encorajados a continuar o caminho nesse novo território sociocultural, com esses jovens, com as famílias, sendo juntos protagonistas da história.

1.1. Identidade

Podemos dizer que a **Família Salesiana é depositária de uma vocação com uma identidade precisa: evangelizar e educar segundo um projeto de promoção integral**. Sendo a evangelização uma obra complexa e multiforme¹, a compreendemos como uma experiência animada por uma preocupação de integralidade no interior dos processos educativos. Através do empenho e da atenção nesses processos, ajudamos e acompanhamos os jovens rumo ao crescimento integral.

Para a Família Salesiana, a educação é o lugar humano onde o Evangelho se faz presente e onde adquire uma fisionomia típica. Temos espaços de ação que nos colocam na feliz situação marcada, por um lado, por um humanismo sadio e integral e, por outro, pela dimensão transcendente.

A identidade Salesiana possui uma meta: todo jovem é acompanhado(a) rumo à construção da própria personalidade, que encontra em Cristo a sua referência fundamental. O nosso presente é verdadeiro e belo na medida em que a nossa identidade- evangelizar educando, educar evangelizando- continue a reforçar-se e a nutrir-se nessa profunda e inseparável relação da ação educativa com a educação evangelizadora.²

1.2. Carisma

A nossa identidade não se fundamenta em palavras e frases de efeito, não conhece improvisações suspensas no ar. **A nossa identidade é uma identidade carismática**. Nós educamos e evangelizamos através de uma vivência que se inspira no Sistema

¹ “Nenhuma definição parcial e fragmentária pode explicar a realidade rica, complexa e dinâmica que é a da evangelização, sem correr o risco de empobrecê-la e, por fim, de mutilá-la. É impossível entendê-la, se não se procura abraçar com a vista todos os elementos essenciais ,” in *Evangelii Nuntiandi* n. 17; cf. também *Redemptoris Missio* nn. 41-60.

² DON EGIDIO VIGANÒ, *Nuova Educazione*, Lettera pubblicata in ACG n. 337, 1991.

Preventivo. **Dom Bosco nos deixou uma herança que se chama Sistema Preventivo.** É um projeto educativo de promoção integral-*razão, religião, amorevolezza*- que ilumina, ao mesmo tempo, a riqueza humanística, o coração essencialmente religioso do sistema, dentro de um ambiente que respira a caridade (ágape) evangélica. O Sistema Preventivo é para nós, filhos e filhas de Dom Bosco, um método para a ação, caracterizado pela centralidade da razão (razoabilidade das demandas e das normas, flexibilidade e persuasão da proposta); pela centralidade da religião (compreendida como desenvolvimento do senso de Deus presente em toda pessoa e esforço de portar a beleza da boa notícia); pela centralidade da *amorevolezza*, amor educativo que faz crescer e cria correspondência.

São João Paulo II, no ano centenário da morte de nosso Pai e Mestre (1988), na carta *Iuvenum Patris* colhe a essência do carisma, recordando-nos que este é um dom para toda a Igreja. A nossa responsabilidade não é a de uma custódia intimista, mas eclesial, universal. Assim nos escreve:

Para São João Bosco, fundador de uma grande Família espiritual, se pode dizer que o traço peculiar da sua “genialidade” é ligado àquela práxis educativa que ele mesmo chamou «sistema preventivo». Este representa, em certo modo, o condensado da sua sabedoria pedagógica e constitui aquela mensagem profética que ele legou aos seus e a toda a Igreja, recebendo atenção e reconhecimento da parte de numerosos educadores e estudiosos de pedagogia.”³

1.3. Comunidade

Outro aspecto fundamental; e direi também fundante, da nossa herança educativo-pastoral é a **comunidade**. Dom Bosco não é um aventureiro pastoral solitário. Desde o início procurou, com sucesso, construir entorno a si **uma comunidade de educadores e pastores**. Esse é um tema que se apresentará de várias formas e em vários momentos durante essa reflexão. Padre Juan Edmundo Vecchi soube resumir sua importância de maneira muito clara:

Quando pensamos nas origens de nossa Congregação e de nossa Família, de onde partiu a expansão salesiana, encontramos sobretudo **uma**

³ SÃO JOÃO PAULO II, Carta *Iuvenum Patris*, 31 gennaio 1988, n. 8.

comunidade, não somente visível, mas realmente singular, atípica, quase como uma lanterna no meio da noite; **Valdocco, casa de comunidades originais e espaço pastoral conhecido, expandido, aberto**. Chegavam até lá, por interesse ou por curiosidade, personagens do mundo civil e político, cristãos fervorosos e eclesiais que viam ali um suporte religioso, bispos do mundo.

Em tal comunidade se elaborava uma nova cultura, não em senso acadêmico, mas na direção de novas relações internas entre jovens e educadores, entre leigos e sacerdotes, entre artesãos e estudantes; uma relação que influenciava o contexto do bairro e da cidade. E, segundo lemos, tal cultura trazia a tona interrogações, que chegaram mesmo a pôr dúvidas acerca da saúde mental de Dom Bosco.⁴

Comunidade, casa, cultura: são palavras que, ainda hoje, constituem um tesouro para nós, herança, mas também desafio, precisamente linhas de futuro. São palavras que nos ajudam a traduzir nossa identidade e nosso carisma em experiências concretas, nas quais os jovens que encontramos pelo caminho, descartados e abandonados, sem presente e, por consequência, sem futuro, possam encontrar acolhida, acompanhamento, sentido de direção. São palavras que hoje nos servem para propor espaços e ambientes para pais e famílias que se sentem perdidos e sem capacidade de se comunicar os próprios filhos. Esta é a nossa estrada para Jericó; e a nós não é permitido desviar o olhar e passar ao largo!

1.4. Proposta

O quarto elemento que completa a nossa herança é o da **proposta**. Lá onde o Senhor nos envia, lá onde nos encontramos com nossas presenças, lá onde criamos comunidade e ambientes acolhedores. Nos encontramos ali **porque temos uma palavra a dizer, uma experiência a propor**. É uma proposta que supõe os três elementos precedentes: identidade, carisma e comunidade, e os traduz em um **caminho de crescimento integral**. Damos o melhor de nós para que os jovens que encontramos, pessoalmente e como grupo, descubram a beleza do acreditar, a alegria de olhar para o alto, com a convicção de que a vida é um dom recebido, um espaço divino.

Somos chamados a ajudar os jovens a fazer crescer o seu potencial educativo, a capacidade da mente e das mãos. Oferecemos a eles e

⁴ PADRE JUAN EDMUNDO VECCHI, *Ecco il tempo favorevole*, Carta publicada em ACG 373, 2000.

às suas famílias um espaço onde não somente ninguém sinta-se sozinho, mas que toda pessoa, jovem e adulto, descubra-se protagonista, com os outros, nas várias experiências de grupo, associações. Enfim, ainda hoje procuramos conduzir os jovens ao ponto daquele belíssimo e empenhativo questionamento: Qual é o meu projeto de vida? Qual é a minha vocação na vida, para que me sinto chamado?

Nossa herança pode ser definida a partir dessas quatro dimensões (identidade, carisma, comunidade, proposta), nelas percebemos suas grandes linhas. Encontramos também a base para descobrir como possuímos um dom a guardar, no seio da Igreja; e que ele deve ser aprofundado em diálogo com os desafios e as oportunidades que batem à nossa porta. Por essa razão, o chamado da Igreja sobre a família constitui para nós algo de extrema seriedade e de profunda importância. Que não se trata apenas de fazer operações cosméticas, como um *ajustezinho* nos horários, ou alguma conferência a mais a qualquer grupo novo ou antigo. Aqui somos todos chamados a colocar toda a nossa capacidade de sonhar, todas as nossas energias pastorais, afim de que os nossos jovens e a família como um todo se sintam acolhidos, acompanhados, feitos protagonistas.

2. O CAMINHO PASTORAL DA IGREJA E DA FAMÍLIA

Feito este sintético caminho sobre o tesouro de nossa herança, com todas as perspectivas que se nos apresentam, adentremos na reflexão sobre o tema da família a partir da caminhada eclesial. **É importante esclarecer desde o começo que o tema da família não é um *spot* publicitário.** Que não se trata de um tema que ultimamente se tornou moda. Por tal motivo, permiti-me traçar um breve percurso sobre como a Igreja tomou seriamente o tema da família, a partir da reflexão do Concílio Vaticano II.

Não podemos perder a conexão com o caminho da Igreja para compreender como o desenrolar da história seja o maior cenário a partir do qual o Senhor nos chama. De outro modo, corremos o risco de, depois de tantas belas palavras que dissemos e que diremos sobre a família, o todo terminar como o famoso proverbio italiano: muita fumaça, mas pouco assado!

2.1. *Gaudium et Spes*

No esquema da Constituição Conciliar *Gaudium et Spes* (GS) vemos como as duas partes do documento tratam, em primeiro lugar, da *Igreja e a vocação do homem* (Parte I), e depois de *Alguns problemas mais urgentes* (Parte II). É significativo notar como o primeiro tema tratado na Parte II tenha o seguinte título: ***A promoção da dignidade do matrimônio e da família.***

Sem nos deter muito nos diversos pontos que o tema desenvolve, notamos como o primeiro desafio, a primeira preocupação que os Padres conciliares individuaram, seja justamente a do matrimônio e da família. Neste ponto, é importante acenar como **na GS a família seja um sujeito ativo, que possui uma missão a cumprir** e que segue ajudado por todos os componentes ativos da sociedade. GS não fala da família como um problema, ou como um paciente que precisa de tratamento. Jamais devemos esquecer esse aspecto!

No seu diálogo com o mundo, que é o objetivo mais profundo da GS, o matrimônio e a família constituem o primeiro desafio. Somente depois são tratados temas como *A promoção da cultura, A vida econômico-social, A vida da comunidade política e A promoção da paz e da comunidade internacional.*

2.2. Caminho Sinodal

Se observarmos os desenvolvimentos que são verificados nos anos que seguiram o Concílio Vaticano II, encontramos uma atenção sempre maior para o tema da família por parte da Igreja. Basta notar como, logo após os dois sínodos dos anos 70 (um sobre evangelização, com a exortação apostólica ***Evangelii Nuntiandi***, e o sucessivo sobre catequese, do qual foi lançada depois a exortação apostólica ***Catechesi Tradendae***), o sínodo imediatamente sucessivo tratou do tema da família, ao qual foi seguida a publicação da exortação apostólica ***Familiaris Consortio***.

Este desenvolvimento do caminho eclesial é um testemunho do fato de que, a partir do momento em que a Igreja se percebe portadora de uma boa notícia, imediatamente poussa o olhar sobre a comunidade conjugal e a família, porque com ela “o bem da pessoa e

da sociedade humana e cristã estão intimamente ligados” (GS 47). A Igreja vê a família como o lugar privilegiado no qual “se congregam as diversas gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social, constitui assim **o verdadeiro fundamento da sociedade**” (GS 52)

Nos últimos anos, de novo assistimos a um percurso pastoral similar, dentro do qual a atenção à família é representada como prioridade. Em seguida ao sínodo sobre **A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã**, 2012, recebemos a exortação apostólica **Evangelii Gaudium**, como programa pastoral para a Igreja que abre caminho para **os dois sínodos sobre o tema da família: os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização (outubro de 2014) e A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo (outubro de 2015)**. A exortação apostólica **Amoris Laetitia** é o mapa que nos ajuda a traçar as linhas pastorais para os próximos anos.

Duas breves notas sobre esse percurso vivido pela Igreja nos últimos cinquenta anos: a **primeira** é que **a família é sempre apresentada como primeiro desafio pastoral da Igreja**. Esse repetido retorno à família é um índice claro do fato que tal desafio pastoral não é um tema passageiro, não se trata de uma moda. Nos encontramos diante de uma chamada permanente que, como membros da Família Salesiana, nos interroga profundamente. A **segunda** nota: **o caminho pós-Vaticano II é caracterizado pelo gradual processo de enriquecimento pastoral**: a família como protagonista, a família como experiência de acompanhamento. No desenrolar do tempo e da história, a Igreja se torna sempre mais presente, com a humildade do peregrino.

A percepção do Concílio Vaticano II e o modo esta foi amadurecida no percurso dos vários sínodos, deve servir como luz e paradigma. De fato, é sobre a família que o Papa Francisco nos pediu considerar como “necessidade irrevogável” na sua carta ao Reitor Mor no Bicentenário do nascimento de Dom Bosco:

Hoje mais do que nunca, diante da “emergência educativa” enunciada mais de uma vez por Bento XVI (*cf.* *Carta às dioceses e à cidade de Roma sobre o dever urgente da educação, 21 de janeiro de*

2008), convido a Família Salesiana a favorecer uma eficaz aliança educativa entre diversas agências religiosas e laicais para caminhar com a diversidade dos carismas, a favor da juventude, nos diversos continentes. **Em particular ressaltamos a necessidade irrevogável de envolver as famílias dos jovens. Não pode haver, de fato, uma pastoral juvenil eficaz sem uma válida pastoral familiar.**⁵

3. VALDOCCO – FAMÍLIA COMO PARADIGMA PASTORAL

Revisitando os primeiros anos da experiência pastoral de Dom Bosco a Valdocco, notamos que a família não se configura como um verdadeiro e próprio sujeito pastoral, como entendemos hoje. Podemos percebê-lo, entretanto, naquela compreensão mais abrangente que hoje chamamos “imaginário pastoral coletivo”. Este modo de compreender a família está na base da proposta educativo-pastoral de Dom Bosco. **A experiência de Valdocco tinha a família como paradigma pastoral.**

Comentando as primeiras escolhas de Dom Bosco a propósito da formação dos jovens, Pietro Braido afirma que a proposta formativa era muito ligada ao impacto educativo que um tipo de ambiente particular poderia oferecer. O oratório era esse ambiente. O oratório de Valdocco promovia processos de educação integral que encontravam a sua raiz no paradigma da “família”.

Na sua comunidade inspirada cristãmente, os sem família encontravam a doçura de uma **casa**, a segurança da **paternidade** e da **fraternidade** na pessoa do director e dos educadores, a alegria da amizade, as perspectivas de uma inserção significativa na sociedade com uma cultura e uma **capacidade laborativa digna e rentável**; junto com isso um estilo geral de alegria, garantido pelas infinitas manifestações que o gênio educativo sabia criar: jogo, teatro, excursões, música, canto. Por isso Dom Bosco especificava o “programa de vida”.⁶

⁵ PAPA FRANCISCO, *Como Don Bosco, com os jovens e para os jovens*, Carta do Santo Padre Francisco, ao Reverendo Padre Angel Fernandez Artime, Reitor-Mor dos Salesianos, no Bicentenário do Nascimento de São Joao Bosco, 24 de junho 2015.

⁶ P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, vol. I, Roma, LAS 2003, p. 233. (D’ora in poi *Don Bosco prete dei giovani*).

Partindo dessas nossas origens, será muito iluminante traçar a indispensável conexão entra tal **proposta carismática nas suas origens e a experiência originária de Dom Bosco em sua família nos Becchi.**⁷

Braido ressalta como **“a família, *“schola gremii materni”, é a primeira matriz da personalidade de Dom Bosco.*”** A sua vida familiar era “condicionada pela precoce ‘ausência’ do pai, morto quando o filho não tinha ainda dois anos, pela presença de um meio-irmão sete anos mais velho e pela avó paterna”. Ao centro de tudo isso se encontra a presença “determinante de uma mãe de grande solidez humana e espiritual, verdadeira “mãe paterna”.⁸

Se devemos falar de elementos pedagógicos, a figura de Mamãe Margarida resulta fundamental no crescimento de seu filho:

Margarida Occhiena é a primeira educadora e mestra de “pedagogia”. A distância de quase 60 anos ele escreve sobre ela que ‘seu maior cuidado foi de instruir os filhos na religião, ensiná-los a obedecer e ocupar-lhes com coisas compatíveis com a sua idade’.⁹ Em família ele aparece, antes de tudo, no hábito da oração, do dever, do sacrifício, a seu tempo, guiado pela mãe, na prática do sacramento da confissão à idade da razão. Se esforçava, pouco a pouco, um modesto aprendizado de leitura e escrita.¹⁰

Na mesma linha se exprime Dom Egídio Viganò quando escreve sobre a relação entre o crescimento do carisma de Dom Bosco em Valdocco e a sua experiência familiar original:

Esse estilo simpaticamente “familiar” teve suas origens na própria vida do Fundador, na experiência de sua família, guiada por Mamãe Margarida. A heroica mudança dessa mamãe à Valdocco serviu para impregnar o ambiente daqueles pobres jovens do mesmo estilo familiar, de onde se

⁷ P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere*, Roma, LAS 1999, pp. 138-139. (D’ora in poi *Prevenire non reprimere*).

⁸ *Id*, p. 138.

⁹ “Memórias do Oratório de São Francisco de Sales, de 1815 a 1855”, EDICOES SALESIANAS, PORTO, 2012, p. 17

¹⁰ P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere*, p. 139. Cf. Também P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani*, vol. I, p. 321, specialmente nota 75: P. Cavaglià – M. Borsi, *Solidale nell’educazione. La presenza e l’immagine della donna in don Bosco*. Roma, LAS 1992, pp. 91-103, *Realtà e simbolo di una madre. Margherita Occhiena nelle Memorie dell’Oratorio*.

esboçou a substancia do Sistema Preventivo e tantas modalidades tradicionais ligadas a ele. Bom Bosco tinha experimentado que a formação da sua personalidade era vitalmente radicada no extraordinário clima de dedicação e bondade (dom de si) da sua família nos Becchi e quis reproduzir as qualidades mais significativas no Oratório de Valdocco, entre aqueles jovens pobres e abandonados.¹¹

É útil evocar aqui à uma reflexão de Aldo Giraudo em seu artigo intitulado: *O modelo familiar na visão e na experiência de Dom Bosco*¹² porque comenta ulteriormente essa relação entre a experiência de Valdocco e a sua família de origem. Escreve:

Emerge com evidência a intrínseca ligação entre a obra de Dom Bosco e a família, entre a missão específica desta e a missão específica salesiana em um duplo nível. Antes de tudo, as Memórias do Oratório nos fazem compreender que a experiência educativa e relacional vivida por Joao Bosco se tornou recurso e inspiração para a obra do Oratório, pelo seu método e estilo relacional: a positiva figura materna, mas também a traumática perda do pai, que se resolveu em Dom Bosco em uma sensibilidade mais acentuada pela importância e o papel da figura paterna; e a tipicidade das relações familiares, o clima de acolhida e de intimidade confidente; o espírito de adaptação e de pertença que conotam uma família humana... tudo isso se torna recurso e inspiração para a família educativa do Oratório (modelo inspirador de qualquer outra obra salesiana). Em segundo lugar a obra de Dom Bosco nasce em contexto histórico preciso e em referência a uma tipologia familiar historicamente conotada pela compensação da ausência de uma família ou para sustentar e integrar o papel da família no cuidado das exigências primárias dos jovens, na sua necessidade de afeto, de educação humana e cultural, de formação religiosa e de aperfeiçoamento moral e espiritual a fim de ajudar a realizar a sua vocação pessoal e a prepará-los para a vida e para se inserir na sociedade e na Igreja como membros ativos e úteis. Essa ligação não é somente um dado de fato, mas parte constitutiva e

¹¹ PADRE EGIDIO VIGANÒ, *Nell'Anno della Famiglia*, Carta publicada em ACG n. 349, 1994; Se pode também recordar a reflexão oferecida por Dom PASCUAL CHÁVEZ na carta publicada em ACG 394, 2006, que traz o comentário da ESTREIA 2006: Dar especial atenção à família, berço da vida e do amor e lugar primeiro de humanização.

¹² A. GIRAUDDO, *Il modello familiare nella visione e nell'esperienza di don Bosco*, in <http://www.donboscoland.it/articoli/articolo.php?id=2140>

importante para a identidade, a fecundidade da presença salesiana e a sua missão na história.

Esse aceno à compreensão da família na vida, na mente e no coração de Dom Bosco, nos oferece um impulso para descobrirmos as inspirações que nos iluminam hoje, enquanto vivemos novos desafios nesse campo pastoral.

4. PARTINDO DA *EVANGELII GAUDIUM*

Não podemos deixar-nos conduzir por *Amoris Laetitia* se antes não partimos da *Evangelii Gaudium*. Oferecendo-nos a *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco nos pediu um claro esforço, mesmo que empenhativo, rumo à meta que ele chama a “pastoral em conversão”:

Não ignoro que hoje os documentos não suscitam o mesmo interesse que noutras épocas, acabando rapidamente esquecidos. Apesar disso sublinho que, aquilo que pretendo deixar expresso aqui, possui um significado programático e tem consequências importantes. Espero que todas as comunidades se esforcem por **actuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão.** Neste momento, não nos serve uma “simples administração”. Constituamo-nos em “estado permanente de missão” (EG n.25)

Partindo desse convite, nos perguntemos: quais são as escolhas que devemos considerar que sustentam o nosso caminho pastoral? De onde podemos começar para que a nossa resposta não seja uma fotocópia pobre e fraca de uma ação que não diz mais nada de novo aos nossos dias? Brevemente assinalemos dois aspectos que acompanham este percurso: a história como desafio e o modelo da nossa resposta pastoral.

4.1. A história como desafio

O Senhor nos manda viver o seu amor e testemunhar a boa notícia do evangelho “hoje”, “aqui” e “agora”. A história que somos chamados a encontrar e abraçar é essa, não outra. A nossa época, na qual tudo aquilo que se possa chamar de instituições ou institucionais, estão

atravessando mudanças grandes, rápidas e inéditas: “a família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais” (EG n.66). Nesse momento, viver a **conversão profunda** significa agir para dar a possibilidade a tantas pessoas que encontramos de experimentar “uma comunhão que cura, promove e reforça os vínculos interpessoais... Nós cristãos insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar as cargas uns dos outros” (Gl 6,2)” (EG n.67)

Nesses dois pontos, a **mudança de época** e o **convite a converter-se pastoralmente**, temos a síntese desse desafio, que aceitamos com realismo, mas também com determinação e inteligência.

Não é tempo de choromingos, mas de coragem pastoral. A armadilha dos “lamentos autodefensivos” é sempre presente, mas devemos evitá-la com a dignidade e a nobreza daqueles que creem que o presente é tempo de Deus, que somos portadores de uma proposta que é fruto de criatividade missionária, resposta ao chamado de Deus (cf. AL 57).

4.2. Uma resposta pastoral

Eis agora a pergunta que seguramente trazemos no coração: como enfrentar esse desafio? Como viver este chamado em uma sociedade em mudança, em uma sociedade fluida?

No **capítulo IV da Evangelii Gaudium** o Papa Francisco oferece uma ampla reflexão sobre a **dimensão social da evangelização**. É um capítulo muito interessante sobre como não nos é permitido ignorar as vicissitudes históricas que o tempo e a história contém, mas ao contrário: é no interior das vicissitudes humanas, onde se encontram aquelas linhas de ruptura entre o passado e o futuro, entre o velho e o novo, entre o óbvio e o ignorado; que somos chamados a ser presentes com a palavra libertadora do Evangelho. Nós, membros da Família Salesiana estamos presentes nesse momento histórico com uma proposta educativa integral.

A Evangelii Gaudium no n. 236 nos oferece o modelo do poliedro, através do qual **observamos e interpretamos as vicissitudes históricas** para depois oferecer propostas validas, que dão luz e oferecem possibilidades de futuro:

O modelo é o poliedro:

- i. Que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade.
- ii. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um.
- iii. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projectos e as suas potencialidades.
- iv. Até mesmo as **pessoas** que possam ser **criticadas pelos seus erros**, têm algo a oferecer que se deve perder. (EG n. 236).

Em quatro breves pontos temos o vocabulário que nos ajuda e acompanha na leitura de Amoris Laetitia: **confluência, sinergia, pobres, excluídos**. São palavras que nos obrigam a sair de nossas zonas de conforto, onde “temos sempre feito assim”:

- i. As pessoas que encontramos em nossa busca por convergência com as suas histórias e feridas, mas também com as suas pequenas ou grandes riquezas;
- ii. As sinergias que conseguimos favorecer entre os vários sujeitos empenhados no território, para o bem dos jovens e da família, onde cada um traz o melhor de si;
- iii. A pronta acolhida de quem é pobre, de quem se sente sozinho e abandonado, mas que não significa que não tenha sonhos e projetos de futuro, junto...
- iv. À capacidade de ver o bem escondido no coração de cada mulher e de cada homem, rapariga e rapaz, também as pessoas mais difíceis, as pessoas que podem parecer fora dos esquemas sociais, culturais e religiosos.

São estas as linhas não uniformes, não precisas, mas que no seu conjunto constituem o poliedro pastoral.

Se observamos com atenção a proposta de Dom Bosco em Valdocco, notamos uma impostação pastoral muito similar. Por volta de 1862, escrevendo a propósito dos jovens do Oratório, os vê, como disse ele, “em três classes”: transviados, levianos e bons. Aquilo que hoje nos interessa é ver como diante de alguns casos difíceis, os “levianos”, que hoje chamaremos os “descartáveis” da sociedade, Dom Bosco consegue lançar um olhar de compaixão, oferecer um espaço de inclusão e assegurar uma possibilidade de futuro. Faz tudo

para favorecer um ambiente onde o coração do bom pastor, coração sem prejuízos e sem pré-exclusões, faz brotar o bem escondido no coração de cada ser humano.¹³

5. AMORIS LAETITIA

Com as chaves de leitura de *Evangelii Gaudium* procuremos ler *Amoris Laetitia* através do filtro do carisma salesiano. A seguir, apresentamos três linhas que podem ajudar os nossos caminhos pastorais, na plena consideração do fato de que somos hoje vários grupos da Família Salesiana, em situações sociais e culturais diversas, com aproximações e métodos pastorais típicos de cada grupo.

As três linhas são como três indicações que tem como escopo: primeiro, examinar **os pontos de partida**, ou seja, as nossas posturas pastorais; segundo, questionar-nos e examinar quais são **os critérios e os objetivos que sustentam nossa visão pastoral**; terceiro, estudar bem quais são as **escolhas que colocamos em ação** para que as nossas posturas pastorais justas, junto aos critérios e aos objetivos que nos propomos, atinjam a meta desejada: o bem dos jovens e da família.

5.1. Posturas Pastorais

Diante dos desafios pastorais que encontraremos, é fundamental iniciar com a pergunta: como lemos os desafios? Qual a nossa postura de fundo nesse cenário: proximidade ou distância? Escuta ou julgamento? Empatia ou refutação? Compaixão ou senso de superioridade? Prontidão ao serviço ou prontidão ao servir-se?

¹³ *O bons se conservam e progridem no bem de forma maravilhosa. Os levianos, isto é, habituados a andar por aí e trabalhar pouco conseguem até um bom resultado om o trabalho, a assistência, a instrução e a ocupação. Os transviados dão muito trabalho; se se consegue fazer com que eles tenham um pouco de gosto para trabalhar, em geral são conquistados por nós. Com os meios acima indicados foi possível obter alguns resultados conforme segue: 1º que não fiquem piores; 2º muitos criam juízo e por consequência começam a ganhar seu pão honestamente; 3º mesmo aqueles que sob vigilância pareciam insensíveis, com o tempo se tornam, senão completamente, pelo menos em parte mais acessíveis. Deixa-se para o tempo que os bons princípios que tiveram oportunidade de conhecer quanto à maneira de como se deve proceder produzam fruto.* in “Dados históricos sobre o Oratório de São Francisco de Sales” in Fontes Salesianas, Brasília, EDB, 2015, p. 105

No 2º capítulo de *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco nos indica **alguns desafios em nosso caminho**. Entretanto, o que mais nos toca é o modo como o Papa os propõe. O seu intento é ajudar-nos a ver os desafios como janelas voltadas para as oportunidades que nos esperam.

- a. Antes de tudo, devemos estar prontos a **ler o cenário** que se nos apresenta com as “mudanças antropológico-culturais, em razão das quais os indivíduos são menos sustentados do que no passado pelas estruturas sociais em sua vida afetiva e familiar (n.32) junto com o “crescente perigo representado pelo individualismo exagerado que desvirtua os vínculos familiares” (n.33). Esse é o primeiro compromisso irrenunciável de cada pessoa chamada a assumir o empenho pastoral: ler a história onde somos enviados. Escutar o pulso do território é sinal de proximidade e de interesse da nossa parte, que queremos ser peregrinos com os jovens e as famílias. A falta de leitura do cenário onde o Senhor nos envia é já um primeiro sinal preocupante. Ao contrário, será um forte sinal o que daremos através da nossa postura de escuta, de abertura e de disponibilidade.

- b. Enquanto educadores e pastores dos jovens, **devemos evitar uma leitura pastoral superficial**, que corre o risco de nos induzir em um beco sem saída de pessimismo. Um elemento privilegiado da nossa educação salesiana consiste na capacidade de favorecer “uma personalização que se fundamenta na autenticidade ao invés de reproduzir comportamentos preestabelecidos. Nós portamos e vivemos aquela grande proposta que leva os jovens a objetivos nobres, uma disciplina pessoal que permite a eles amadurecerem o melhor de si: “a liberdade de escolher permite projectar a própria vida e cultivar o melhor de si mesmo, mas, se não se tiver objetivos nobres e disciplina pessoal, degenera numa incapacidade de se dar generosamente” (n.33). Uma leitura pastoral superficial faz perder toda essa perspectiva da plenitude humana.

- c. Junto a essa postura pastoral que favorece uma leitura sadia da situação, o Papa sugere **a coragem do testemunho e da palavra**. Nos exorta a não ser *renunciadores*. Os desafios são como chamados, que devem ser assumidos com inteligência e gerenciados com criatividade pastoral: “como cristãos, não podemos renunciar a propor o matrimónio, para não contradizer a sensibilidade actual, para estar na moda, ou por sentimentos de inferioridade face ao descalabro moral e humano; estaríamos a privar o mundo dos valores que podemos e devemos oferecer” (n.35). **Encontrar o equilíbrio não significa estabelecer alguns compromissos**, mas abrir um caminho no coração das pessoas, um coração que está à procura de testemunhas autênticas, que vivem aquilo que creem.
- d. Em relação à coragem do testemunho e da palavra, o Papa não fala da uma postura militante de um cruzado. Se, por um lado, a denúncia é justa, por outro, o caminho diante de nós não segue a lógica de “impor normas com a força da autoridade” (n.35). Nesse momento histórico em que “É-nos pedido um esforço mais responsável e generoso, que consiste em apresentar as razões e os motivos para se optar pelo matrimónio e a família, de modo que as pessoas estejam melhor preparadas para responder à graça que Deus lhes oferece” (n.35). E este é um trabalho muito empenhativo, que pede muita reflexão.
- e. O parágrafo n.40 nos pede de refinar a capacidade de encontrar **a justa linguagem para os jovens**. Ousamos **chamar o parágrafo n.49 como “parágrafo salesiano”** porque nos força a reconhecer o desejo de “encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar as cordas mais íntimas dos jovens, onde são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo, para convidá-los a aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio de matrimónio” (n.40). E aqui não se trata apenas de palavras, mas de fazer amadurecer uma visão pastoral com processos que falam **dos jovens e aos jovens**. Não precisamos andar à

procura de um vocabulário para eles, mas o vocabulário já se encontra na maneira como afrontamos o desafio, como o lemos, como respondemos a ele. Nesse sentido, devemos aprender este vocabulário a partir de nossa autenticidade, mas também a partir da humildade de nos colocar na frequência das ondas dos jovens. Se estamos “fisicamente” longe dos jovens, somos não somente “efetivamente” distantes, mas provavelmente também “afetivamente” distantes. Aqui o discurso da linguagem dos jovens toca toda a esfera da assistência salesiana que continua a ser um dos segredos mais geniais, e mais atuais, de Dom Bosco.

- f. Eis agora o último desafio, que o Papa Francisco comenta mais vezes, em várias partes da exortação: o desafio de uma **criatividade missionária. Sem choramingos, mas com esperança e profecia:**

As realidades que nos preocupam, são desafios. Não caímos na armadilha de nos consumirmos em lamentações autodefensivas, em vez de suscitar uma criatividade missionária. Em todas as situações, « a Igreja sente a necessidade de dizer uma palavra de verdade e de esperança. (...) Os grandes valores do matrimônio e da família cristã correspondem à busca que atravessa a existência humana (n.57).

Com este sadio otimismo, radicado no chamado, as dificuldades que constatamos são “um apelo para libertar em nós as energias da esperança, traduzindo-as em sonhos proféticos, ações transformadoras e imaginação da caridade” (n. 57).

Para todos nós, como grupos da Família Salesiana, antes de qualquer passo rumo à formulação de uma proposta, é urgente e indispensável encontrar espaços para a **reflexão** e para a **oração** a fim de **purificar, verificar e reforçar as nossas posturas pastorais**. Com essas escolhas de fundo, essas posturas pastorais, vivemos e assumimos nosso chamado “à luz da parábola do semeador (cf. Mt 13, 3-9), a nossa tarefa consiste em cooperar na sementeira: o resto é obra de Deus” (n. 200).

Somente com esta lógica, como Igreja, alcançaremos “as famílias, com (a humilde compreensão), o desejo de « acompanhar todas e cada uma delas a fim de que descubram a saída melhor para superar as dificuldades que encontram no seu caminho” (n.200). Oração e reflexão para saber-nos radicar na lógica de Deus, mas também na história das pessoas. Refletir para responder em uma maneira que supere a comum e perigosa superficialidade pastoral, porque “não basta inserir uma genérica preocupação pela família nos grandes projetos pastorais” (n.200). Sobre isto, no entanto, retornaremos mais adiante.

5.2. Critérios pastorais

Tais posturas conduzem a uma série de critérios que, por sua vez, fazem nascer propostas pastorais. Nessa parte de nossa reflexão, oferecemos alguns critérios pastorais, destacados dos **capítulos 5,6,7 e 8 de *Amoris Laetitia***. Como sugere o Papa, ao início da Exortação Apostólica, é desejável que este documento seja levado em consideração como **instrumento de estudo e de reflexão enquanto não é um manual de respostas, mas acima de tudo, um convite a nos colocar em atitude de escuta e serviço.**

a. A fecundidade do amor que gera

Um primeiro critério pastoral é partir da compreensão do amor, na **lógica da fecundidade, no senso mais amplo possível**. O amor gera, o amor fecunda onde se aceita vivê-lo. Nos perguntemos: nos processos educativo-pastorais o que significa para nós interpretar a nossa ação e testemunho na lógica do amor que dá vida? O que quer dizer para nós, agentes de pastoral, fazer nosso o desafio de “descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender” (n.166)? Como fazemos refletir nos nossos planos pastorais” o primado do amor de Deus que sempre toma a iniciativa, porque os filhos « são amados antes de ter feito algo para o merecer »” (n.166)? Que tipo de imaginação pastoral é preciso amadurecer para ir ao encontro de “numerosas crianças são rejeitadas, abandonadas e subtraídas à sua infância e ao seu futuro” e que crescem com a sensação de que “foi um erro tê-las feito vir ao mundo” (n.166)?

São questões ouvidas dentro dos vários processos educativos-

pastorais e nos confrontos, as quais devemos ao menos reagir. Os nossos critérios pastorais tem necessidade de nutrir-se de ideias e convicções fortes, mas também de deixar-se desafiar por perguntas incômodas; senão corremos o risco de fazer muitas coisas sem saber o porquê, muito menos o “para onde”! A lógica da fecundidade, a compreensão do amor que é generativo, dão sentido e direção às nossas escolhas pastorais, sejam elas de curto ou longo prazo.

b. Responder à ausência de paternidade e maternidade

Um segundo critério que deve iluminar a nossa reflexão é **entender e responder à “ausência de paternidade e maternidade”**. Nesse ponto nos deixamos interpelar pelo desafio da ausência de modelos pela qual, por um lado, os nossos jovens procuram superar a sua orfandade; enquanto, por outro, reencontramos a desorientação de muitos genitores que se encontram sem um vocabulário com o qual conectar-se com o mundo dos filhos.

O que quer dizer hoje para nós, encontrarmo-nos nessas linhas de galha, nesse terreno “remexido” e desintegrado? Quais são as respostas que podemos oferecer através de processos e propostas educativo-pastorais? Aqui entra em jogo a necessidade de uma reflexão aprofundada, que, enquanto encontra e interpreta esse sentido de vazio e de busca, será também uma reflexão que propõe caminhos e escolhas pastorais.

c. A família é sujeito pastoral

Caminhando mais ao centro das nossas experiências pastorais e à luz de quanto foi partilhado até agora, nos ajuda muito o estudo aprofundado do **capítulo 6 de *Amoris Laetitia***, a partir do qual começo o terceiro critério de fundamental importância: as famílias são os principais sujeitos da pastoral familiar:

Os Padres sinodais insistiram no facto de que as famílias cristãs são, pela graça do sacramento nupcial, os sujeitos principais da pastoral familiar, sobretudo oferecendo « o testemunho jubiloso dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas ». Para isso – sublinharam – é preciso fazer-lhes « experimentar que o Evangelho da família é alegria que “enche o coração e a vida inteira”, porque, em Cristo, somos “libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento (n. 200)

Esta chamada de atenção é um critério pastoral de primeira importância, se queremos que a nossa proposta pastoral seja **verdadeira, atual e plena de significado**. Na medida em que pensamos a família como protagonista, então superamos a já acenada superficialidade pastoral, e, ao contrário, conseguimos ser verdadeiramente artífices e testemunhas de processos pastorais.

O Papa Francisco nos adverte que “Não basta inserir uma genérica preocupação pela família nos grandes projectos pastorais; **para que as famílias possam ser sujeitos cada vez mais activos da pastoral familiar, requer-se « um esforço evangelizador e catequético dirigido à família » que a encaminhe nesta direção**” (n. 200).

É neste ponto que a Exortação Apostólica, no **n. 201**, que o Papa Francisco nos chama àquela “conversão missionária” dentro da qual compreendemos que “é preciso não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas”. Eis **três orientações** bem claras, que podem nos servir seja como exame de consciência pessoal e comunitário, como para uma valoração serena, mas sincera, das nossas propostas pastorais:

- i. A pastoral familiar deve fazer experimentar que o **Evangelho da Família** é resposta aos anseios mais profundos da pessoa humana: à sua dignidade e à sua realização plena na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade;
- ii. Seja sublinhada a necessidade de **uma evangelização que denuncie** com franqueza os condicionamentos culturais, sociais, políticos e económicos;
- iii. Seja desenvolvido um **diálogo e uma cooperação com as estruturas sociais, e sejam encorajados e sustentados os leigos que se empenham**, como cristãos, em âmbito cultural e sociopolítico (n.201).

Essas três orientações- **Evangelho, denúncia e sinergia**- no contexto de um critério pastoral claro que tome a família como protagonista, não se esgota em exortações piedosas, muitos menos em eventos pontuais. Se trata de um processo que deve ser pensado, refletido e partilhado entre todos aqueles que fazem parte da presença ou experiência pastoral: jovens, animadores, docentes, catequistas, pais e quantos participam do projeto educativo-pastoral. Comentaremos

mais adiante as implicações que isso comporta.

d. A gradualidade pastoral

Por fim, o quarto critério: **a gradualidade na pastoral** (n.293), o encontramos comentado no **Capítulo 8**, através do trinômio “acompanhar”, “discernir” e “integrar”. O capítulo começa com a apresentação desse critério pastoral nas seguintes palavras: “aqueles que fazem parte da Igreja, precisam duma atenção pastoral misericordiosa e encorajadora” (n. 293). A questão que nos colocamos é a seguinte: Como esse critério ilumina nossa proposta pastoral? O que significa e como se traduz o trinômio “acompanhar”, “discernir” e “integrar”?

Nesse ponto, somos chamados a refletir bem como nossas propostas e nossas estruturas podem dar verdadeiros sinais de proximidade, especialmente àquelas famílias que se encontram na periferia, não somente religiosa e eclesial, mas também social, cultural e econômica. Para nós, o desafio é traduzir o trinômio “acompanhar”, “discernir” e “integrar” em um vocabulário educativo-pastoral que possa assumir a seguinte forma: “acolher”, “envolver” e “formar”.

- i. **Acolher (acompanhar):** oferecer espaços de escuta nos quais as pessoas, jovens e adultos, percebam que a obra e a presença são uma “casa”, onde todos os agentes de pastorais são irmãos e irmãs prontos a partilhar o caminho, sem preconceitos e sem exclusões;
- ii. **Envolver (discernir):** propor oportunidades e processos nos quais os jovens e os pais são convidados a ser membros ativos, protagonistas, cada um segundo a sua capacidade e possibilidade. Em outras palavras, que a presença, com a sua proposta educativo-pastoral, seja uma experiência onde as fronteiras da participação se alargam segundo a potencialidade das pessoas. Na lógica dos círculos concêntricos, não existem limites; postos pelo prazer, pelo preconceito ou pelo juízo auto-referencial de quem é chamado a ser servo(a);
- iii. **Formar (integrar):** comunicar uma visão pastoral que não se limite somente a oferecer um produto aos nossos jovens e

às nossas famílias, mas partir por outro caminho. Uma visão que habilite, forme, faça-os testemunhas e multiplicadores, eles mesmos, que tendo sido acolhidos e envolvidos, no devido tempo cheguem a ser não somente discípulos, mas também apóstolos.

5.3. Escolhas operativas

Chegamos à última parte desta reflexão: as escolhas operativas. Aqui nos voltamos à primeira parte- identidade, carisma, comunidade- isto é, partimos das nossas raízes para olhar o futuro com esperança e otimismo.

a. Comunidade

A Família Salesiana encontra na memória dos inícios de Valdocco, o coração pastoral de Dom Bosco. Diante de uma proposta pastoral sempre mais envolvente, de modo particular em relação à grande potencialidade que a família nos oferece hoje em dia; somos chamados a refletir como o estilo e o paradigma comunitário de viver o carisma salesiano é a forma salesiana de animação de todas as realidades educativas.

Como comentaremos mais adiante, contemplando a origem do carisma salesiano, **encontramos um Dom Bosco que constitui, entorno a si uma comunidade-família, onde era comunicada aos jovens uma experiência de um protagonismo sadio e válido.** O Oratório continua a ser um ponto de referência de uma proposta com objetivos claros, vividos na convergência de papéis, pensados em função dos jovens. O carisma de Dom Bosco encontra o seu *húmus* nesse tipo de experiência educativo-pastoral. Dessa comunidade-família nasceram a Congregação e a Família Salesiana. Dessa mesma fonte, continuamos a nutrir-nos hoje.

À luz das oportunidades pastorais que se apresentam, viver e realizar

a missão de Dom Bosco nos dias de hoje, nos pede um esforço não tanto de criar novas estruturas que se agreguem aos outros organismos de gestão e de participação existentes nas diversas obras ou ambientes pastorais, mas criar **uma mentalidade renovada rumo a uma maior comunhão que viva os diversos dons e carismas** como uma realidade complementar, em mutua reciprocidade, à serviço da mesma missão.

Se a evangelização é fruto de um percurso comunitário, uma missão entre consagrados e leigos, que unem as suas forças em colaboração, na troca de dons, mesmos nas diferenças de formação, de tarefas, de carisma e de graus de participação a essa missão; então a Família Salesiana deve empenhar-se para que nossa ação pastoral passe de uma ação de operários singulares para uma maior coordenação das diversas intervenções, uma busca de compreensão e complementaridade entre todos, uma busca de colaborações, um esforço de organicidade e de projeção.

As nossas presenças, as nossas propostas sejam continuação daquilo que nosso Pai e Mestre vivera nas origens: **uma comunidade de pessoas, orientada à educação dos jovens**, que possam se tornar para eles uma experiência de Igreja e lhes abra para o encontro pessoal com Jesus Cristo.

b. Projeto

Uma comunidade de educadores/educadoras orientada à educação dos jovens pressupõe um projeto educativo-pastoral. A improvisação faz nascer somente confusão. Um primeiro desafio que já conhecemos; e que o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* e na *Amoris Laetitia*, nos convida a tomar a sério, é o da conversão pastoral: uma **reconstrução de sentido de pertença amadurecido e também da renovação de mentalidade**, no nosso modo de pensar, de valorar e de agir, de colocar-se diante dos problemas e ao estilo das relações: com os jovens, entre os educadores, os agentes de pastoral e as famílias.

Devemos fazer nossa a profunda convicção de que **as iniciativas e as propostas pastorais mais significativas se articulam em rede.** Todos os protagonistas, educadoras/educadores, jovens, famílias, colaboram nos diversos níveis de elaboração das propostas e

caminhos pastorais. A experiência de uma comunidade ou grupo que propõe é o centro de convergência donde se fazem reais: a) a **comunhão de critérios** (mentalidade); b) a **convergência de intenções** (objetivos) e; c) a **organicidade das intervenções** (corresponsabilidade, confronto, pesquisa, verificação).

Essa mentalidade projectual é e será o grande desafio para a Família Salesiana, mas também o grande dom. Porque nessa mentalidade projectual se amadurecem as duas faces do coração de Dom Bosco: a “**caridade pastoral**” e a “**inteligência pedagógica**”. O mundo juvenil exige de nós um renovado empenho, vivido na constância, com continuidade e comunitariedade dos diversos agentes educativos e entre eles. Ocorre que todos reconheçam e se empenhem entorno de uma proposta unitária. O individualismo pastoral e uma proposta pastoral fragmentada não têm futuro, porque são um contratestemunho no presente.

Portanto, é necessário um projeto capaz de continuar a “tradição” e, ao mesmo tempo, de amalgamar o “novo”. Não é admissível que se recomecem continuamente do zero a cada mudança de responsabilidades ou a cada renovação da equipe.

Projetar é uma postura da mente e do coração, que depois se torna uma obra concreta. Projetar é um processo, mais que um resultado; projetar é um aspecto da pastoral mais que um ato passageiro; projetar é um percurso de envolvimento e de unificação das forças.

É aqui que se encontra o coração, ao mesmo tempo, a prova da resposta que nós, como Família Salesiana, daremos à Igreja e ao mundo em relação à família. Se nos empenhamos entorno à **criação de uma comunidade que se faz presente com os jovens e para os jovens com o coração do bom Pastor**, se como comunidade nós, juntos, levamos adiante um projeto educativo pastoral credível para e com a família.

Dentro do projeto, reconhecemos a família, a primeira e indispensável comunidade educadora, a reconhecemos na sua verdade, na sua potencialidade: a célula da sociedade e da Igreja, sujeito primeiro, não somente na transmissão da vida, mas na missão educativa, sujeito insubstituível e inalienável.

c. Acompanhamento

Uma comunidade que propõe e vive um projeto sente a necessidade não apenas de acompanhar, mas também de ser acompanhada. **A comunidade que vive um projeto é um organismo vivo, que existe na medida em que cresce e se desenvolve.** Por isso não se deve cuidar somente de sua organização, mas, sobretudo, desenvolver a sua vida. Podemos individualizar três níveis de relações as quais devemos zelar neste acompanhamento:

i. Acompanhamento de ambiente

O ambiente onde se vive a experiência educativo-pastoral salesiana deve ser acompanhado. Cada um dos ambientes se constrói como uma realidade viva e é neles que os jovens se sentem na própria casa, em clima de apoio e circulação de ideias e afectos. E se falamos de jovens, a mesmo devemos dizer de todos aqueles que assumem a educação dos filhos, *in primis* os genitores.

O ambiente deve ser entendido como o espaço onde jovens e adultos se sentem acolhidos e envolvidos. Nessa ótica, o ambiente oferece aos jovens e às famílias, espaços, processos e pessoas com os quais possam identificar-se. Um ambiente cuidado e acompanhado **faz nascer processos de formação permanente de qualidade** e a diversos níveis: humano, espiritual, cristão e salesiano.

ii. Acompanhamento de grupo

Devemos propor **a experiência de um itinerário** a todos aqueles que entram em contato com uma proposta de vida e de espiritualidade salesiana. Ao ensinar valores como o respeito, a gradualidade e a diferenciação, tais itinerários reconhecem e respondem a duas grandes dimensões: a dimensão da **pertença** e da **identidade**. Por um lado, a experiência de grupo vem ao encontro do desejo de ser protagonistas, de sentir-se a caminho com os demais. Em conexão com esta dimensão, o grupo dá identidade, ativa iniciativas e processos, faz nascer sinais de vitalidade que permitem aos jovens e às famílias entrarem em contato com propostas de valores humanos e de fé que, no fim, são assimilados de maneira vital.

Quantos jovens e quantas famílias que encontramos redescobriram a própria fé, ou melhor, a descobriram, ao fazer experiência em uma das nossas presenças, participando de qualquer grupo ou experiência levada avante em nossas presenças! Os grupos nesses ambientes, cada um com a sua experiência particular, e o conjunto dos grupos em comunhão, devem deixar-se impelir por este clima de pertença partilhada, de apoio recíproco. Nessa estrada a Família Salesiana é experiente em ser promotora de uma verdadeira experiência de comunidade, isto é, de Igreja.

iii. Acompanhamento pessoal

Uma terceira tarefa que se projeta diante de nós é a do acompanhamento pessoal. É a mais empenhativa e, por consequência, a que detém importância crucial.

Aqueles que possuem a responsabilidade pastoral nos grupos da Família Salesiana não podem esquecer-se jamais que “se um cego guia outro cego, ambos cairão no buraco (Mt 12,14). **Crescer rumo à maturidade humana e cristã que depois saiba crescer e iluminar a outros, não é um luxo, é uma urgência!** Um clima autenticamente salesiano consegue propor caminhos nos quais seja oferecida às pessoas a oportunidade de serem reunidas em sua individualidade, “face a face”.

A ação salesiana quer despertar nos jovens e nas famílias uma colaboração ativa e crítica, medida sobre as próprias possibilidades. Os tempos que podem apresentar-se para essas experiências de crescimento pessoal não são os mesmos para todos nem são iguais as situações e decisões diante das quais os jovens e as famílias se encontram. Aqui a criatividade pastoral, junto com a prudência e o respeito pelas pessoas têm um caráter determinante.

Entre estas experiências de crescimento encontra-se a direção espiritual, durante a qual se consolida a fé como vida em Cristo e como sentido radical da existência. Essa, ajuda a discernir a vocação pessoal de cada um na Igreja

e no mundo e a crescer constantemente na vida espiritual na busca da santidade como meta.

Claro que, nesse ponto, entramos em uma esfera que deve ser bem pensada, refletida e programada. Se, por um lado, somos todos convencidos que se sente sempre mais urgente o desejo de pessoas prontas para a escuta e a acolhida na confiança e respeito, por outro, somos também conscientes de que necessitamos pessoas com o dom da escuta e que aceitem a responsabilidade educativa de assistir os jovens e as famílias no seu esforço de crescimento.

CONCLUSÃO

Concluo com uma citação escrita há vinte e dois anos, em 1994. Naquele ano dedicado à família, o padre Egídio Viganò escreveu uma carta¹⁴ que à luz do que estamos vivendo hoje possui um caráter profético muito forte:

O argumento “família” é muito importante para nós, para o deixa-lo cair no esquecimento após o fim desse ano. Devemos considerar o ano de 1994 como uma janela aberta obre o vasto horizonte que toca a atualidade do nosso carisma e oferece tantos aspectos urgentes e novos à nossa missão de evangelização.

É necessário, portanto, nos entreter seriamente sobre como o tema da família investe em profundidade o **nosso processo de renovação**. Ele servirá para **nos sentirmos mais no coração da Igreja e mais inseridos de forma solidária com o mundo e com a sua história**. O Espírito do Senhor nos suscitou no Povo de Deus com uma missão específica de "pastoral juvenil". Nós sabemos, e temos repetido várias vezes, não é possível conseguir uma pastoral juvenil autêntica, sem uma relação concreta e harmoniosa com a “pastoral familiar”.

Perguntemo-nos: pode um educador hoje formar a pessoa dos seus jovens sem aprofunda, esclarecer e reavivar os valores da família? É possível na Igreja realizar a nova evangelização sem recuperar com profundidade e novidade os temas da sexualidade, casamento e vida conjugal?

¹⁴ PADRE EGIDIO VIGANÒ, *Nell'Anno della Famiglia*, Carta pubblicata em ACG n. 349, 1994.

A essa pergunta que nos desperta rumo a uma visão pastoral viva, Padre Viganò conduz o discurso para o caminho das propostas pastorais:

Acredito sinceramente que estamos todos convencidos desta nossa relação evangélica com as famílias. **O problema está agora nas exigências da nova evangelização, que coloca as famílias no primeiro lugar dos cuidados pastorais.** Temos de rever com atenção especial esta área de engajamento que toca vitalmente nossas atividades educativas, o cuidado dos leigos e a nossa colaboração com as prioridades pastorais da Igreja local.

Chegando ao fim dessa reflexão, auguro e rezo que, se entre 22 anos, devesse propor de novo o tema da Família à Jornada de Espiritualidade Salesiana, se possa dizer que percorremos um belo caminho. Obrigado!